

---

## A ESTILÍSTICA NOS TEXTOS EMOTIVOS, EXPRESSIVOS E SUBJETIVOS – O EU-LÍRICO EM FOCO: ANÁLISE DE “*PARA QUE A EXISTÊNCIA VALHA A PENA...*” DE LYA LUFT

Rafaella Meliza Andrade de Lima<sup>1</sup>

### Resumo

O presente trabalho objetiva-se analisar os recursos estilísticos nos textos emotivos, expressivos e subjetivos, tendo o eu-lírico como foco. Nosso corpus de análise trata-se de uma prosa poética intitulada de “Para que a existência valha a pena...” da escritora, poeta, jornalista e tradutora brasileira Lya Luft, encontrada no site “VIVA 50”. A autora, desde criança traçou seu perfil de questionadora e contestadora, formando assim a sua identidade que influi diretamente em seu modo de visualização, percepção e expressão sobre o que se propõe. Tornou-se professora de Linguística e colunista mensal da Revista Veja, sendo detentora dos recursos linguísticos em seu modo de escrita, e dotada da criticidade pertinente em suas respectivas opiniões. Desse modo, para a análise do corpus a fim de detectar os recursos linguísticos empregados, seguiremos trajetórias metodológicas alicerçadas nos seguintes pontos: Estrutura do texto, palavras (vocábulos), pontuações, vozes do eu-lírico e da autora, efeitos emotivos e expressivos, linguagem conotativa e subjetiva, além das figuras de linguagem. Para tal, apoiar-nos-emos nas proposições teóricas de Dubois (1973), Houiss (2011), Monteiro (2005; 2009), Murry (1949), Reis (1981), Riffatterre (1971), Ulmann e Bally (1968) entre outros.

**Palavras-chave:** Estilística. Recursos estilísticos. Lya Luft.

### Abstract

The present work aims to analyze the stylistic resources in emotional, expressive and subjective texts, with the lyrical self as the focus. Our corpus of analysis is a poetic prose titled "For the existence of worth ..." by the writer, poet, journalist and Brazilian translator Lya Luft, found on the site "VIVA 50". The author, as a child, traced her questioning and questioning profile, thus forming her identity that directly influences her way of viewing, perception and expression about what she proposes. She became a professor of linguistics and monthly columnist of *Veja Magazine*, being the owner of linguistic resources in her writing, and endowed with the pertinent criticality in their respective opinions. Thus, for the analysis of the corpus in order to detect the linguistic resources used, we will follow methodological paths based on the following points: Structure of the text, words (words),

---

<sup>1</sup>Universidade do Estado do Rio Grande do Norte Graduanda em Letras (Língua Portuguesa e Literaturas)  
Universidade do Rio Grande do Norte. E-mail: rafaella.mlz96@gmail.com.

punctuations, voices of the lyrical and author, emotive and expressive effects, Connotative and subjective language, besides the figures of language. To that end, we will support the theoretical propositions of Dubois (1973), Houiss (2011), Monteiro (2005, 2009), Murry (1949), Reis (1981), Riffatterre (1971), Ulmann and Bally among others.

**Keywords:** Stylistics, Stylistic resources, Lya Luft.

## 1. Introdução

*“Sou fascinada pelo lado complicado. Tenho um olho alegre que vive: sou uma pessoa despachada, adoro família, adoro a natureza. Mas eu tenho um outro olho que observa o lado difícil, sombrio. A minha literatura nunca vai ser “aí casaram e foram felizes para sempre”. Minha literatura sempre nasceu do conflito, da dificuldade, do isolamento.”*  
- Lya Luft

O objetivo deste artigo é analisar, sob a ótica da Estilística, os recursos estilísticos que dizem respeito às categorias de análise dos textos emotivos, expressivos e subjetivos na prosa poética de Lya Luft “*Para que a existência valha a pena...*” encontrada no site “*VIVA 50*” das organizadoras: Maria Celia Siqueira Calazans e Virginia Pessoa Pinheiro, publicada em 07 de fevereiro de 2016.

Assim sendo, a escolha desse texto como corpus para a análise deu-se primeiramente a partir da grande afeição pelos escritos da escritora Lya Luft, percebendo seu caráter de ousadia e sinceridade no que se propõe ao ato de escrita. Em seguida, outro fator estimulante na escolha do texto foi à oportunidade ofertada pela disciplina Estilística a qual proveu a partir da atividade avaliativa de um seminário a proposta de escolha de uma prosa poética, e em virtude dessa proposta passível de pesquisa tornou-se interessante analisar sob a ótica estilística a prosa “*Para que a existência valha a pena...*”, tendo em vista ser um texto de difícil acesso e sem possíveis análises. Tornou-se fascinante e envolvente através do aporte da Estilística atribuir primeiros olhares e impressões a um texto que existe, mas não é divulgado de modo que ao passo que se torna *corpus* seu teor textual vem à tona.

A prosa poética tem como tema a existência, iniciando uma reflexão profunda a partir das motivações lançadas pela autora como “razões” para que essa existência seja contemplada. Lya Luft recorre a argumentos “filosóficos” que ora a particulariza, ora a abrange em um todo social. Ao longo do texto, a autora consegue atingir o leitor em sua mensagem, promovendo uma série de reflexões sobre o si mesmo, e do si em relação ao outro

nos questionamentos humanos e ações cotidianas que moldam a existência, traçando assim um perfil de existência que vale a pena, sendo ela feita de atitudes pensadas e (re) pensadas, feitas e (re) feitas, numa movimentação constante de consciência e humanidade em relação ao outro. Sendo assim, as motivações para o trabalho com a Estilística de um modo geral relacionam-se a contribuição para a ampliação dos conhecimentos estimulados no que confere aos textos a função da expressividade e da significação trazidas através do emprego dos vocábulos validadas pelo sentido literário interpretativo e os elementos estruturais. Acreditamos que esse contato com a temática e a análise sob a sua ótica possa nos enriquecer ainda mais como acadêmicos de Letras, ampliando ainda mais os estudos com o enfoque nessa área. E na perspectiva de análise de um texto de cunho literário, que se possa interdisciplinarizar os campos de estudo a fim de um melhor comporte e suporte de entendimentos, teorias e aplicações.

Dentro dessa perspectiva, busca-se analisar a concepção de Estilística por Houiss (2011), levando em conta ser a base para o estudo dos recursos estilísticos configurando-se no Estilo abordado teoricamente por (DUBOIS et al., 1973). E assim, ressaltando o foco para o eu-lírico na perspectiva de voz que é dada pela autora no posicionamento de entidade fictícia que pelo leitor é reconhecida, sendo usada para a construção e exposição do gênero e abordagem em questão.

Pensando na conceituação de eu-lírico e da importante distinção da voz do eu-lírico e do autor (a), recorre-se as informações basilares encontradas no site “Português o seu estilo de Língua Portuguesa”. E no que se refere à Estilística e seus efeitos emotivos e expressivos nos aportaremos em Ulmann e Bally (1968). No que diz respeito à Linguagem conotativa e subjetiva, nos basearemos nas impositações de Riffatterre (1971), e em relação às figuras de linguagem serão levados em consideração às proposições de Monteiro (2005).

## **2. Referencial Teórico**

Pensando na comportamento teórica basilar de nossa análise, em primeiras considerações, vejamos o conceito de Estilística atribuído pelo dicionário Houiss (2011): “[...] é a arte de escrever de forma apurada, elegante. Para outros estudiosos, é a disciplina que estuda os recursos expressivos que individualizam os estilos. Podendo, ainda ser definida como uma conexão entre a poética e retórica.” (p. 58)

Vemos através desse conceito apresentado pelo dicionário que a Estilística está

relacionada em uma determinada ótica a um formato de escrever, sendo esse qualificado pela apuração e elegância conquistadas através do bom uso e emprego das palavras nas colocações frasais e setenciativas. Em outra ótica, vê-se a Estilística em seu modo de aplicação e estudo sendo ela uma disciplina que volta seus estudos para as peculiaridades dos textos que peculiarizam a escrita, formando os estilos. Podendo ainda ser concebida no aspecto de relação entre os fenômenos da poética que trabalham a subjetividade/expressão e os fenômenos da retórica que diz respeito ao bem falar, ao bem escrever em termos de coerência e coesão.

Nessa perspectiva, tendo o estilo como alvo do estudo estilístico teoricamente faz-se necessário compreender qual o conceito/definição de estilo. Sendo assim, para Dubois (1973) “o estilo constitui a marca da individualidade do sujeito no discurso.” Já de acordo com Reis (1981), “o estilo deve ser entendido como resultado da expressão de uma subjetividade.” Nessas duas formulações de conceituação, percebemos que o estilo em primeira modulação é vista como um fator de intimização da pessoa que escreve e se posiciona diante de uma determinada subjetividade, subjetividade essa passível de expressão.

No que confere à voz do eu-lírico que é um elemento bem presente no texto literário, faz-se necessário compreender o que é e qual a função desse elemento dentro do texto. Desse modo, o eu-lírico é entendido segundo a definição exposta em Português o seu estilo de Língua Portuguesa<sup>2</sup> como:

[...] uma espécie de narrador do poema, e assim seria chamado se não estivéssemos falando dos textos literários, sobretudo do gênero lírico. Quando você lê um poema e percebe a manifestação de um “eu literário”, aquela voz, aquela personagem presente nos versos, não é necessariamente o autor real do poema.

Através do conceito podemos perceber que o eu-lírico não é a voz do autor. O autor do texto vale-se do eu-lírico como um porta-voz de si, uma entidade criada para fins da passagem da mensagem. Que ainda segundo a mesma fonte é primordial saber que “[...] é preciso compreender a diferença entre o poeta e o eu lírico. Não devemos confundir a pessoa real com a entidade fictícia. Claro que o poema não está isento da subjetividade de seu criador, mas no momento da escrita uma nova entidade nasce, desprendida da lógica e da compreensão de si mesmo, fatores que nunca abandonam quem escreve os versos (autor/poeta).”

No que diz respeito à Estilística: seus efeitos emotivos e expressivos é notório que

---

<sup>2</sup> Acessível em: <http://portugues.uol.com.br/literatura/eu-lirico.html>

ambos os pontos estão inteiramente ligados ao modo particular de identitário de quem escreve e como se escreve. Na aporção teórica desses fatores, “Ulmann e Bally (1968, p. 41) dizem que “em suas primeiras reflexões limitam o alcance da estilística aos elementos emocionais. Depois devido o caráter restrito do objetivo passam a substituí-los pelos fatores expressivos da linguagem.” Desse modo, é posto que no texto é apresentado primeiramente a emoção como algo que aflora sobre quem escreve, já a expressão aparece em seguida como sendo a forma de levar essa emoção.

No que diz respeito a linguagem conotativa e subjetiva, Riffaterre (1971, p. 31) diz que:

Depois devido o caráter restrito do objetivo passam a substituí-los pelos fatores expressivos da linguagem.” Desse modo, é posto que no texto é apresentado primeiramente a emoção como algo que aflora sobre quem escreve, já a expressão aparece em seguida como sendo a forma de levar essa emoção. No que diz respeito a linguagem conotativa e subjetiva, Riffaterre (1971, p. 31) diz que:

[...] costuma-se às vezes identificar a conotação com a linguagem figurada, o que só é verdadeiro em parte: as conotações também existem em lexemas empregados no sentido próprio e podem anular-se em inúmeras metáforas desgastadas pelo uso. Na realidade, em geral são os componentes afetivos do significado, em qualquer plano da linguagem, que instauram a atmosfera conotativa. A denotação ao contrário, é ligada ao aspecto conceitual, estabelecendo uma linguagem unívoca.

Percebemos que a citação vem nos certificar sobre a linguagem figurada que não deve ser simplesmente visto como a metaforização anulando a realidade, mas sim como um emprego necessário no plano da linguagem no contexto textual que se propõe. Dentro da conotação como modo de expressão, são usadas as figuras de linguagem para tornar em evidência a figuração almejada. Assim, de acordo com Monteiro (2005) vemos que: “[...] chama-se figura de linguagem ao recurso de expressão que consiste no emprego da linguagem de maneira diferente da usual, seja no que diz respeito ao sentido, à posição ou à combinação de palavras.”

De acordo com a citação, podemos perceber que as figuras de linguagem são usadas de acordo com a intencionalidade e o nível de expressão o qual se quer passar, desse modo a linguagem é empregada com um caráter mais adornado distanciando a construção de posicionamento da linguagem em seu modo de uso comum. De modo que, as figuras são expostas principalmente nos textos literários afim de torna-lo mais expressivo e de efeito perante os leitores, e isso é possível através de como as palavras estejam colocadas no texto

além da relação dessas palavras com as demais.

### 3. Metodologia

A metodologia utilizada neste trabalho se configura na pesquisa bibliográfica que diz respeito à pesquisa recorrente a textos e suas compilações. Para um melhor reforço desse conceito, valemo-nos de Marconi e Lakatos (2001) que dizem que:

A pesquisa bibliográfica ou de fontes secundárias trata-se do levantamento de toda a bibliografia já publicada em forma de livros, revistas, publicações avulsas em imprensa escrita [documentos eletrônicos]. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto, com o objetivo de permitir ao cientista o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações. (p. 43-44)

A partir da concepção conceitual da pesquisa foram traçados como aspectos metodológicos os seguintes pontos:

- ✓ Seleção do texto de Lya Luft;
- ✓ Leitura silenciosa e entonada do texto;
- ✓ Utilização de teórico nos aportes sobre: Estilística, estilo, eu-lírico, efeitos emotivos e expressivos, linguagem conotativa e subjetiva, efeitos emotivos e expressivos e figuras de linguagem;
- ✓ Seleção de trechos nas perspectivas aportadas pelos teóricos;
- ✓ Análise e interpretação dos dados analisados.

### 4. Resultados e Discussão

A prosa se trata de uma reflexão profunda sobre a existência, na qual a autora dispõe de uma série de razões para tal. O texto literário possui o cunho poético (escrito em prosa) – na modalidade de texto corrido, com algumas frases isoladas. É composto por 12 parágrafos e 5 frases isoladas, de modo que ambas partes unem-se em um sentido textual. Partindo de tal, faz-se necessário compreender como ocorre a semântica literária da prosa. Vejamos o primeiro parágrafo: “Não lembro em que momento percebi que viver deveria ser uma permanente reinvenção de nós mesmos — para não morrermos soterrados na poeira da banalidade, embora pareça que ainda estamos vivos.”

Nesse primeiro momento, percebe-se um tom particular/íntimo de fala do eu-lírico

marcado pelo verbo “percebi”, de modo que em seguida apresenta-se a temática a qual se propõe discorrer no texto, sendo esse na perspectiva do viver, do existir, de um modo mais amplo. É trazida a mensagem de que o ato de viver consiste na “reinvenção” que é a constante ação de reconstrução e aperfeiçoamento de si mesmo, sendo que essa feita consiste na não passagem de vida sem perspectivas e importância de vida devida. O segundo parágrafo apresenta a seguinte sequência de ideias:

Mas compreendi, num lampejo: então é isso, então é assim. Apesar dos medos, convém não ser demais fútil nem demais acomodada. Algumas vezes é preciso pegar o touro pelos chifres, mergulhar para depois ver o que acontece: porque a vida não tem de ser sorvida como uma taça que se esvazia, mas como o jarro que se renova a cada gole bebido.

Nesse trecho, é perceptível outra demarcação de particularidade trazida pelo emprego do verbo “compreendi”, de modo que na sucessão das ideias expostas pelo eu-lírico promove a reflexão e o despertar do leitor para sair da zona de conforto, do comodismo, em relação à aceitação de vida do mesmo modo. Vemos em “pegar o touro pelos chifres” como um convite para a força, para a coragem de mudança de vida, o que implica na ousadia e na audácia. E para reforçar a ideia o eu-lírico traz duas analogias em relação à vida em: “porque a vida não tem de ser sorvida como uma taça que se esvazia, mas como o jarro que se renova a cada gole bebido.”

Na sequência textual iniciada por dois parágrafos é trazida a primeira frase isolada, que diz: “Para reinventar-se é preciso pensar: isso aprendi muito cedo.” Na frase, podemos perceber o objetivo de seu isolamento que consiste justamente no ato de realçar a ideia que está sendo posta em questão, ideia essa que é refletir sobre o ato de invenção de si conciliada com o modo particular trazido pelo verbo “aprendi.” O terceiro parágrafo nos diz que:

Apalpar, no nevoeiro de quem somos, algo que pareça uma essência: isso, mais ou menos, sou eu. Isso é o que eu queria ser, acredito ser, quero me tornar ou já fui. Muita inquietação por baixo das águas do cotidiano. Mais cômodo seria ficar com o travesseiro sobre a cabeça e adotar o lema reconfortante: “Parar pra pensar, nem pensar!”

O trecho apresenta uma ideia de reflexão que inicia do interior e finda no exterior (de dentro para fora), fundamentada pela voz do eu-lírico destacada em “[...] isso, mais ou menos, sou eu. Isso é o que eu queria ser, acredito ser, quero me tornar ou já fui.” Em seguida, é trazida a reflexão partida do interno para a sua aplicação na realidade de um modo satírico implicando no comodismo e a não preocupação com o ato de refletir sobre o viver. O quarto

parágrafo nos apresenta o seguinte trecho:

O problema é que quando menos se espera ele chega, o sorrateiro pensamento que nos faz parar. Pode ser no meio do shopping, no trânsito, na frente da tevê ou do computador. Simplesmente escovando os dentes. Ou na hora da droga, do sexo sem afeto, do desafeto, do rancor, da lamúria, da hesitação e da resignação.

O parágrafo traz a ideia da chegada da morte adjetivada de “sorrateiro pensamento que nos faz parar”, dando ao sentido de que quando esse tipo de pensamento chega até o ser humano (sem prévio aviso), é quando ocorre a reflexão sobre como está sendo levada a vida. E que quando isso ocorre não se importa o contexto, a situação cotidiana ou estado o qual a pessoa se encontre, ilustrado em: “Pode ser no meio do shopping, no trânsito, na frente da tevê ou do computador. Simplesmente escovando os dentes. Ou na hora da droga, do sexo sem afeto, do desafeto, do rancor, da lamúria, da hesitação e da resignação.” Reforçando essa ideia, a próxima frase isolada aparece dizendo a respeito de que as pessoas muitas vezes só refletem sobre suas vidas quando a ideia de morte chegada de modo surpreso paira sobre si, vista em: “Sem ter programado, a gente pára pra pensar.” No quinto parágrafo está posto que:

Pode ser um susto: como espiar de um berçário confortável para um corredor com mil possibilidades. Cada porta, uma escolha. Muitas vão se abrir para um nada ou para algum absurdo. Outras, para um jardim de promessas. Alguma, para a noite além da cerca. Hora de tirar os disfarces, aposentar as máscaras e reavaliar: reavaliar-se.

O fragmento traz três ideias principais: o medo, a escolha e a reavaliação. O medo está relacionado à dificuldade de mudar de vida no que diz respeito a uma atitude muito própria, muito íntima. Esse medo aparece como ele sendo configurado em um susto, e é comparado com a situação de: “[...] espiar de um berçário confortável para um corredor com mil possibilidades.” A escolha que é o segundo elemento enfatizado traz a ideia de atitude que podem trazer resultados satisfatórios ou não, sobre a menção feita anteriormente de “um corredor com mil possibilidades.” E ainda retoma a ideia de reavaliação, trazida a partir de um efeito constante mostrado em “reavaliar: reavaliar-se”, que também pede a sinceridade, a verdade sobre si mesmo na proposição da ideia de “aposentar as máscaras.”

Em seguida, surge a terceira frase isolada que diz: “[...] Pensar pede audácia, pois refletir é transgredir a ordem do superficial que nos pressiona tanto.” Nesse fragmento, é percebido a distinção entre o pensar e o refletir, de modo que a primeira consiste em uma atividade mais rasa que ainda assim pede atitude por parte de quem se propõe, já a segunda mais profunda com resultados transformadores. No sexto parágrafo, é apresentado que:

Somos demasiado frívolos: buscamos o atordoamento das mil distrações, corremos de um lado a outro achando que somos grandes cumpridores de tarefas. Quando o primeiro dever seria de vez em quando parar e analisar: quem a gente é, o que fazemos com a nossa vida, o tempo, os amores. E com as obrigações também, é claro, pois não temos sempre cinco anos de idade, quando a prioridade absoluta é dormir abraçado no urso de pelúcia e prosseguir, no sono, o sonho que afinal nessa idade ainda é a vida.

O trecho traz uma grande crítica às atribuições de valor que as pessoas dão, sendo essas coisas enfatizadas como menos importantes, de modo que se torna mais fácil a ideia do conformismo comparando a uma criança quando diz: “[...] pois não temos sempre cinco anos de idade, quando a prioridade absoluta é dormir abraçado no urso de pelúcia e prosseguir, no sono, o sonho que afinal nessa idade ainda é a vida.” Em seguida, o próximo parágrafo traz o seguinte desafio: “Mas pensar não é apenas a ameaça de enfrentar a alma no espelho: é sair para as varandas de si mesmo e olhar em torno, e quem sabe finalmente respirar.”

O fragmento apresenta a ideia de profundidade e não de superficialidade no que diz respeito a refletir sobre a vida, o termo “alma no espelho” incita o encontro com si mesmo, a visão transparente de quem se é de fato, sem hipocrisias. As “varandas de si mesmo” é justamente a ideia de sair da matéria de si e ir para outra dimensão, a dimensão da reflexão. E fazendo assim, a paz de si será encontrada figurando isso pelo verbo “respirar” como uma forma de viver em alívio, em tranquilidade. Dessa forma, o oitavo parágrafo traz que:

Compreender: somos inquilinos de algo bem maior do que o nosso pequeno segredo individual. É o poderoso ciclo da existência. Nele todos os desastres e toda a beleza têm significado como fases de um processo.

Nesse trecho, é evidente a ideia de saída do ego, do egoísmo. Da visão que implica em olhar para si e para a sua volta, atribuindo a coletividade. Entendendo que esse é o processo que move a existência permeada por altos e baixos expressos em: “[...] Nele todos os desastres e toda a beleza têm significado como fases de um processo.” Nesse intento, o nono parágrafo traz:

Se nos escondermos num canto escuro abafando nossos questionamentos, não escutaremos o rumor do vento nas árvores do mundo. Nem compreenderemos que o prato das inevitáveis perdas pode pesar menos do que o dos possíveis ganhos. Os ganhos ou os danos dependem da perspectiva e possibilidades de quem vai tecendo a sua história. O mundo em si não tem sentido sem o nosso olhar que lhe atribui identidade, sem o nosso pensamento que lhe confere alguma ordem.

O fragmento retoma mais uma vez sobre a atitude em relação à vida, defendendo que sem essa ousadia em forma de ação é impossível perceber as transformações que podem ser

ocorridas através desta metaforizada pelo “vento nas árvores do mundo.” E ainda prossegue no chamamento das pessoas sobre a existência descrita em: “[...] O mundo em si não tem sentido sem o nosso olhar que lhe atribui identidade, sem o nosso pensamento que lhe confere alguma ordem.” Nos próximos dois seguidos parágrafos vemos:

Viver, como talvez morrer, é recriar-se: a vida não está aí apenas para ser suportada nem vivida, mas elaborada. Eventualmente reprogramada. Conscientemente executada. Muitas vezes, ousada.

Parece fácil: “escrever a respeito das coisas é fácil”, já me disseram. Eu sei. Mas não é preciso realizar nada de espetacular, nem desejar nada excepcional. Não é preciso nem mesmo ser brilhante, importante, admirado.

Percebe-se que os parágrafos interligam-se na formação do sentido, sendo que o parágrafo inicia-se com a ideia de vida e de morte, pensadas sobre a perspectiva da recriação. Partindo disso, o eu-lírico apresenta sugestões de como a vida deve ser vista exemplificando esta através do emprego de: “[...] elaborada. Eventualmente reprogramada. Conscientemente executada. Muitas vezes, ousada.” No parágrafo seguinte, é notória a ideia que é retomada novamente sobre o julgamento de valor sendo que: “[...] Não é preciso nem mesmo ser brilhante, importante, admirado.” E no reforçamento das proposições faz-se uma analogia da vida com a escrita, pois ambas “parecem ser fáceis”, quando na realidade para a realização das duas é necessária a ousadia.

Em seguida, na prosa aparece a quarta frase isolada: “[...] Para viver de verdade, pensando e repensando a existência, para que ela valha a pena, é preciso ser amado; e amar; e amar-se. Ter esperança; qualquer esperança.” Nesse recorte, percebemos a contemplação de vida em seu real modo de atuação que consiste em pensar e repensar. E no quesito de valer a pena a existência, vemos a colocação de alguns critérios importantes para a efetuação de tal: “[...] é preciso ser amado; e amar; e amar-se. Ter esperança; qualquer esperança.” No décimo segundo parágrafo, vemos que:

Questionar o que nos é imposto, sem rebeldias insensatas, mas sem demasiada sensatez. Saborear o bom, mas aqui e ali enfrentar o ruim. Suportar sem se submeter, aceitar sem se humilhar, entregar-se sem renunciar a si mesmo e à possível dignidade. Sonhar, porque se desistimos disso apaga-se a última claridade e nada mais valerá a pena. Escapar, na liberdade do pensamento, desse espírito de manada que trabalha obstinadamente para nos enquadrar, seja lá no que for.

Nesse penúltimo recorte, percebemos que a autora através da voz do eu-lírico nos apresenta uma série de atividades a serem feitas para tornar a vida mais eficaz, para que ela

valha a pena. Para tal, são usados alguns verbos centrais: questionar, saborear, suportar, sonhar e escapar. Desse modo, para complemento de sentido aparece a última frase isolada que diz: “[...] E que o mínimo que a gente faça seja, a cada momento, o melhor que afinal se conseguiu fazer.” Nesse último fragmento, podemos entender de um modo geral o que é necessário para se ter um vivência satisfatória, que é regida por dois fortes verbos: FAZER e SER. De modo que o fazer representa a ação/atitude, e o ser representa a verdade/identidade; sendo ambas refletidas a cada momento como um impulso na intenção de tornar o melhor em cada um desses fatores.

De um modo geral, trata-se de um texto humanizador que proporciona um encontro particular do leitor consigo mesmo. Percebemos que durante todo o texto a autora é muito íntima ao eu-lírico misturando-se em seus eus e pensamentos, o que torna mais ainda uma leitura prazerosa, de conversa e de intencionalidade fiel. E na perspectiva estilística podem ser enfatizados alguns importantes pontos de enfoque promovendo os seguintes resultados:

✓ Palavras (vocábulo):

[...] “Apalpar, no nevoeiro de quem somos, algo que pareça uma essência: isso, mais ou menos, sou eu.”

[...] “Mas pensar não é apenas a ameaça de enfrentar a alma no espelho: é sair para as varandas de si mesmo e olhar em torno, e quem sabe finalmente respirar.”

O emprego de algumas palavras como “nevoeiro” e “varandas de si mesmo”, constituem a formação de frases que geram efeitos ao leitor, que se mudadas para outra colocação de palavras não passem ao mesmo efeito.

✓ Pontuações:

✓ “Para que a existência valha a pena...” (Reticências como marca de continuação do assunto no discorrer do texto);

✓ “Não lembro em que momento percebi que viver deveria ser uma permanente reinvenção de nós mesmos – para não morrermos soterrados na poeira da banalidade, embora pareça que ainda estamos vivos.” (Travessão como marca de mudança do interlocutor);

✓ “Parece fácil: “escrever a respeito das coisas é fácil”, já me disseram.” (O uso dos dois pontos como uma explicação/esclarecimento. Além do efeito polifônico, que é uma outra voz no período (a voz implícita e a implícita marcada por “já me disseram.”).

✓ Marca da voz do eu-lírico e da autora:

✓ [...] “Para reinventar-se é preciso sonhar: isso aprendi muito cedo.” No trecho vemos: [...] “Para reinventar-se é preciso sonhar” que é a marca do eu- lírico como sendo uma entidade usada pela autora, sendo que: “[...] isso aprendi muito cedo”, é a marca de voz da autora, de modo que se percebe um intimismo maior.

✓ Expressividade e emoção:

✓ Vemos a expressividade no trecho: [...] “Questionar o que nos é imposto, sem rebeldias insensatas mas sem demasiada sensatez. Saborear o bom, mas aqui e ali enfrentar o ruim. Suportar sem se submeter, aceitar sem se humilhar, entregar-se sem renunciar a si mesmo e à possível dignidade.” Essa expressividade é vista através do modo a formar um despojamento próprio promovendo os efeitos e interpretações;

✓ Vemos a emoção no trecho: [...] “Sonhar, porque se desistimos disso apaga-se a última claridade e nada mais valerá a pena. Escapar, na liberdade do pensamento, desse espírito de manada que trabalha obstinadamente para nos enquadrar, seja lá no que for.” Essa emoção é vista através da forma como se apresenta o intimismo pessoal na colocação das palavras, incitando os sentimentos.

✓ Linguagem conotativa e subjetiva:

✓ [...] “Pode ser um susto: como espiar de um berçário confortável para um corredor com mil possibilidades. Cada porta, uma escolha. Muitas vão se abrir para um nada ou para algum absurdo. Outras, um jardim de promessas.”

Podemos perceber nesse trecho as marcas da linguagem conotativa (figurada) e da subjetividade presentes em “um berçário confortável para um corredor com mil possibilidades” e “um jardim de promessas”. De modo que na primeira vemos a não-realidade do sentido promovido pela construção frasal, metaforizando-a. Já na segunda, percebe-se a subjetividade no que diz respeito à ser a intimização ligada a projeção de visão própria das coisas.

✓ Figuras de linguagem:

✓ [...] “O problema é que quando menos se espera ele chega, o sorrateiro pensamento que nos faz parar. Pode ser no meio do shopping, no trânsito, na frente da tevê ou do computador. Simplesmente escovando os dentes. Ou na hora da droga, do sexo sem afeto,

do desafeto, do rancor, da lamúria, da hesitação e da resignação.” (Gradação/Anáfora: Consiste na sequência de ideias e acontecimentos, o uso do emprego dos elementos de ligação como o “ou”).

✓ [...] “Viver, como talvez morrer, é recriar-se. [...]” (Antítese: Consiste na presença de ideias opostas, contrárias).

✓ [...] “Mais cômodo seria ficar com o travesseiro sobre a cabeça e adotar o lema reconfortante: “Parar pra pensar, nem pensar!” (Ironia: Consiste na demonstração de ideia na qual torna-se entendível ao leitor que se quis dizer outra ideia).

✓ [...] “a vida não está aí apenas para ser suportada nem vivida, mas elaborada. Eventualmente programada. Conscientemente executada. Muitas vezes, ousada.” (Aliteração: Consiste na repetição vocálica das terminações das palavras evidentemente vistas no termo “ada”).

✓ [...] “Muita inquietação por baixo das águas do cotidiano.” (Metáfora: Consiste numa comparação semântica sem o uso do conectivo).

✓ [...] “é preciso ser amado; e amar; e amar-se.” (Polissíndeto: Consiste na repetição de conectivos para se enfatizar uma ideia, como vemos em: “e”).

Nessa feita, tornou-se possível encontrar os recursos estilísticos usados pela autora na construção de seu texto, tendo a voz de seu eu-lírico como foco resultando na descoberta das interpretações e intenções textuais.

## 5. Conclusão

É perceptível que os recursos estilísticos são elementos fundamentais na construção de textos emotivos, expressivos e subjetivos, de modo que através dessas marcas estéticas são possíveis os meios de comunicação efetivos entre o autor, eu-lírico e leitor. Nesse sentido, a Estilística é imprescindível no estudo dos recursos estilísticos e suas funções, de modo que assim percebemos a presença das vozes do eu-lírico e autora, os efeitos emotivos e expressivos, a linguagem conotativa e subjetiva e as figuras de linguagem. Promovendo assim, o emprego de sentidos particularizados e de efeito possibilitando a compreensão da mensagem passada.

Desse modo, o trabalho com a Estilística de um modo geral contribui para a ampliação dos conhecimentos estimulando no que confere aos textos a função da expressividade e da significação trazidas através do emprego dos vocábulos validadas pelo sentido e a estrutura.

Acreditamos que esse contato com a temática e a análise sob a sua ótica possa nos enriquecer ainda mais como acadêmicos de Letras, ampliando ainda mais os estudos com o enfoque nessa área. E na perspectiva de análise de um texto de cunho literário, que se possa interdisciplinarizar os campos de estudo na correlação entre pesquisas e olhares a fim de um melhor comportamento e suporte de entendimentos, teorias e aplicações.

## REFERÊNCIAS

**Discussão sobre o eu-lírico.** Disponível em: ><http://portugues.uol.com.br/literatura/eu-lirico.html><. Acesso em: 10 Mai. 2017.

DUBOIS, Jean et ali. **Dicionário de Linguística.** São Paulo: Cultrix, 1973.

HOUAISS, Antônio e Villar, Mauro de Salles (2001). **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva.

RIFFATERRE, Michael. **Essais de Stylistique Structurale** [tradução de Daniel Delas] Paris: Flammarion, 1971.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E.M. **Metodologia do trabalho científico.** 5.ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 2001.

MONTEIRO, José Lemos. **A Estilística: manual de análise e criação do estilo literário.** 2 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_, José Lemos. **A Estilística: manual de análise e criação do estilo literário.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2005.

**Para que a existência valha a pena...** Disponível em: ><http://www.viva50.com.br/para-que-a-existencia-valha-a-pena-texto-de-lya-luft/><. Acesso em: 11 Abr. 2017.

REIS, Carlos. **Técnicas de análise textual.** Introdução à leitura crítica do texto literário. Coimbra: Livraria Almeida, 1981.

ULLMANN e BALLY, Stephen. Charlles. **Semântica: uma introdução à ciência do**

significado. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1968.